

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## UMA NOTÁVEL PLACA DE XISTO ENCONTRADA NA LAPA DO BUGIO, AZÓIA.

MONTEIRO, R., et al.

Ano: 1967 | Número: 77

---

### Como citar este documento:

MONTEIRO, R., et al., Uma notável placa de xisto encontrada na Lapa do Bugio, Azóia.  
*Revista de Guimarães*, 77 (3-4) Jun.-Dez. 1967, p. 323-328.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Uma notável placa de xisto encontrada na Lapa do Bugio (Azóia)

Por R. MONTEIRO, G. ZBYSZEWSKI  
e O. DA VEIGA FERREIRA

## I — *Preâmbulo*

A necrópole da gruta chamada Lapa do Bugio (Azóia) na região do Cabo Espichel, perto de Sesimbra, foi descoberta em Outubro de 1957 por um dos signatários (R. M.), e desde então passou por várias vicissitudes e sérias predações que muito alteraram o nível arqueológico primitivo e os enterramentos que em época pré-histórica ali tiveram lugar.

Algumas notícias foram dadas a público sobre esta importante necrópole. O primeiro trabalho, sobre alguns materiais dali retirados, apareceu em 1959 (1). Seguiram-se mais dois, um em 1963 (2) e outro em 1964 (3).

Com autorização da Junta Nacional de Educação (Subsecção de Arqueologia) procedemos ao estudo completo desta gruta sepulcral, a que demos começo em 1966, terminando agora, em 1967, a nossa tarefa.

Os subsídios monetários para tão importante trabalho foram concedidos pela benemérita Fundação Calouste Gulbenkian. Os materiais ali encontrados são da mais alta importância para o estudo do Eneolítico português,

---

1) Rafael Monteiro e E. da Cunha Serrão, «Estação Isabel (Necrópole pré-histórica da Azóia)», *Actas e Mem. do I Congresso Nacional de Arqueologia*, Lisboa, 1959.

(2) Agostinho F. Isidoro, «A Lapa do Bugio (Necrópole pré-histórica da Azóia)», *Trab. de Antrop. e Etnol.*, vol. xix, fasc. 1, Porto 1963.

(3) Agostinho F. Isidoro, «Estudo do espólio antropológico da gruta neo-eneolítica do Bugio (Sesimbra)». *Trab. de Antrop. e Etnol.*, vol. xix, fasc. 3-4, Porto 1964.

havendo contudo a lamentar que algumas prospecções anteriores tivessem sido conduzidas com insuficiente perícia técnica, vindo alterar bastante o que poderíamos talvez considerar a melhor conservada gruta sepulcral do nosso país.

O material recolhido durante as escavações que ali executámos é dos mais ricos e variados até agora encontrados. De entre ele destacámos, pela sua raridade e importância, a placa de xisto que nos propomos dar a conhecer desde já, antes da publicação da monografia que mais tarde virá a lume sobre esta importante jazida pré-histórica.

## II — *Descoberta e descrição da placa*

Quase no final da nossa escavação, em Setembro do corrente ano (1967), surgiu entre as sepulturas 8, 9 e 10 um depósito de ossos intencionalmente ali acumulados, num pequeno espaço destinado a esse fim e que em pormenor descreveremos no trabalho final. Este ossário continha abundante material arqueológico e, no fundo, achámos a placa que passamos a descrever (*Fig. 1*).

É de xisto argiloso amarelado de grão fino, contendo incrustadas minúsculas palhetas de mica branca (moscovite). O seu contorno é sub-rectangular, com os quatro cantos arredondados, e tem na parte superior um pequeno orifício bicónico, para suspensão. Mais espessa na parte média que nos bordos, mostra algumas escoriações superficiais, naturalmente devidas à imperfeição do trabalho da polidura. Apenas uma das faces contém gravura.

Descrevamos então os gravados dessa face, utilizando para sua melhor interpretação os dois desenhos esquemáticos que acompanham esta nota:

Na parte superior, ocupando aproximadamente dois terços da superfície total de placa, vemos, distintamente recortado, o contorno de um dos chamados ídolos-placas do tipo característico da Cultura dolménica portuguesa (*Fig. 2-A*), a destacar-se sobre um fundo rectilado. Lateralmente, no contorno deste ídolo, correm duas faixas verticais constituídas por triângulos, também cheios a rectícula, com as bases coladas ao longo do que pode-

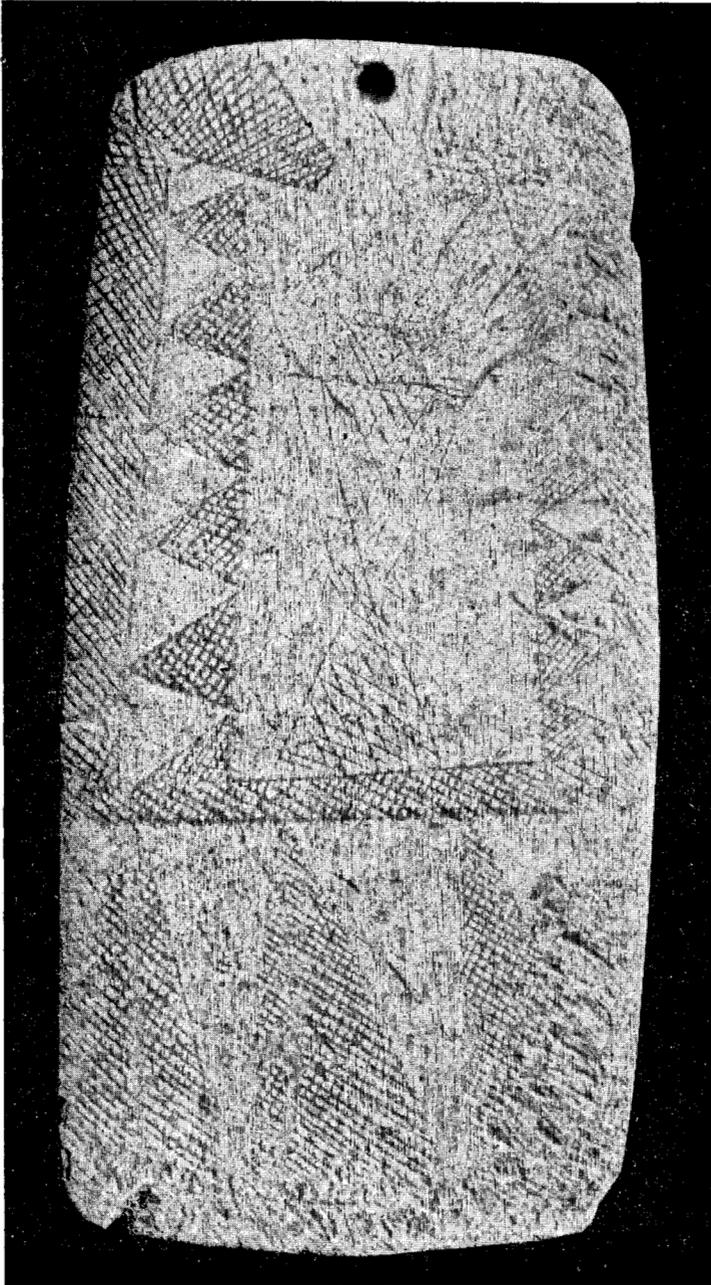


Fig. 1 — Placa de xisto da Lapa do Bugio, com desenho gravado representando um idolo de «tipo almeriense». <sup>1</sup>/<sub>1</sub>

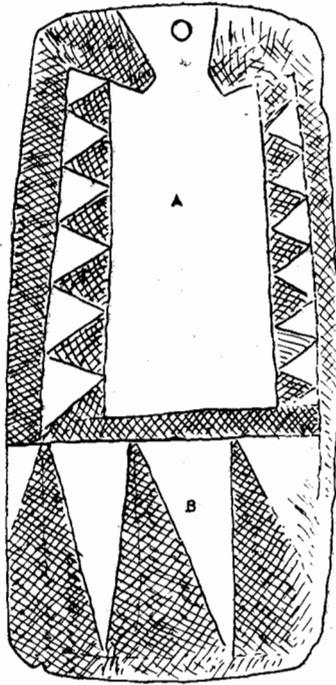


Fig. 2



Fig. 3

mos considerar o corpo do ídolo, e os vértices voltados para a parte exterior.

Ocupando o restante terço da superfície da placa, na sua parte inferior há três triângulos maiores, com os vértices para cima, igualmente cheios a reticulado, e com as bases assentes no bordo inferior (*Fig. 2-B*).

No espaço vazio central, limitado pelo contorno do corpo do ídolo, foi gravado um segundo ídolo, mas este, apresentando a configuração característica do tipo do ídolo da Cultura de Almeria (*Fig. 3*), tem o corpo, constituído por um triângulo invertido sobre outro e os dois unidos pelos vértices; a cabeça é igualmente representada por um pequeno triângulo com a base voltada para cima. De cada extremidade da linha que marca os ombros deste ídolo pendem, paralelamente aos lados do triângulo representativo do busto, dois traços oblíquos que parece representarem os braços, terminados por umas pequenas incisões, talvez indicativas dos dedos da mão.

### III — *Considerações sobre a placa*

A descoberta desta placa da Lapa do Bugio é, em nossa opinião, de uma importância capital para o estudo das afinidades entre o ídolo-placa da Cultura dolménica portuguesa e o ídolo característico da Cultura de Almeria.

O número de ídolos de tipo almeriense encontrados em Portugal, é diminuto, e procedem das seguintes jazidas: um do monumento de Monte Abraão (Belas) (1); um e restos de outro, do monumento pré-histórico da Samarra (Sintra) (2); um, de xisto azulado, do monumento megalítico do Olival da Pega (Reguengos de

---

(1) Carlos Ribeiro, «Notícia de algumas estações e monumentos pré-históricos», Lisboa, 1880.

(2) J. Camarate França e O. da Veiga Ferreira, «A estação pré-histórica da Samarra (Sintra)», *Com. Serv. Geol. de Portugal*, T. XXXIX, Lisboa, 1958.

Monsarás) (1); um incompleto do monumento de Casalinhos (Fanhões) (2); e, por último, um e restos de dois outros, da Lapa do Bugio (Azóia-Cabo Espichel) (3).

Este achado do ídolo de Almeria gravado numa placa de xisto de tipo português veio evidenciar o elo de ligação entre a Cultura das placas de xisto do Alto Alentejo e a Cultura de Almeria.

É do maior interesse esta ligação, que, por outro lado, demonstra as influências e intercâmbios com distantes civilizações mediterrânicas.

Como já noutra lugar afirmámos (4), o chamado ídolo almeriense é o que maiores afinidades apresenta com os ídolos de tipo oriental, opinião esta a reforçar outras provas da existência de relações, já nessas épocas remotas, entre a Península Ibérica e o Mediterrâneo Oriental.

O ídolo de Almeria é estranho à cultura neolítica do Alentejo, essencialmente dolménica, bem como estranhas são outras manifestações supostas religiosas da Cultura almeriense.

Todos os conjuntos de espólios exumados nos monumentos portugueses onde apareceu o ídolo do tipo de Almeria apresentam manifestas influências do Sudeste espanhol. O mesmo acontece na Lapa do Bugio onde o espólio das 11 sepulturas, ossário e esconderijo ali encontrados apresenta grandes influências do Sudeste da Península, muito embora apareça já o vaso campaniforme de tipo Palmela.

Assim, parece-nos de admitir, que a par de uma influência por via marítima houvesse também influência

---

(1) Georg e Vera Leisner, «Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz», Lisboa, 1951.

(2) Coleção dos Serviços Geológicos de Portugal (escavações de V. Leisner e V. Ferreira).

(3) No Museu do Castelo (Sesimbra). Vide R. Monteiro e Cunha Serrão, *op. cit.*

(4) J. Camarate França e O. da Veiga Ferreira, «Algumas considerações sobre os chamados «ídolos almerienses» da Península de Lisboa», Livro de homenagem ao Prof. Mendes Correa. Porto, 1959.

por via terrestre, muito embora com maiores dificuldades, mas, como já por vezes repetimos, ligada talvez a relações com civilizações do Mediterrâneo Oriental, interessadas na exploração das nossas riquezas mineiras, em especial a do cobre.

As relações com o Oriente deveriam ter-se prolongado durante séculos e a diversidade de ídolos peninsulares poderia ter resultado justamente dessa continuidade de contactos culturais. A placa de xisto com a gravação do ídolo almeriense encontrada agora na Lapa do Bugio vem assim confirmar uma série de hipóteses admitidas por vários autores (1) e por nós próprios, quando estudámos os ídolos de Almeria da Península de Lisboa (2). Devemos ainda recordar que os contactos com as civilizações do Vale do Nilo teriam continuado sob vários aspectos, desde a base do Eneolítico peninsular, de que são testemunho eloquente as contas discóides de xisto e de caláite, os pentes de marfim, os botões de osso e ainda o recorte antropomórfico de algumas placas de xisto da cultura do Alto Alentejo, não esquecendo, já se vê, os ídolos «tipo garrafa» muito frequentes na Lapa do Bugio.

A concluir, pode afirmar-se que as ideias religiosas expressas por estas figurinhas antropomórficas, quer em escultura, quer em gravura ou pintura, são estranhas à cultura dolménica dos primeiros povos agricultores.

Depois da descoberta das «tholoi» do Baixo Alentejo (3) parece-nos que a evolução da cultura com o ídolo de Almeria será devida a povos pesquisadores do cobre, que introduziram nas populações sedentárias entregues à cultura da terra e à criação de gados, novos

---

(1) Georg e Vera Leisner, «Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Berlin, 1943.

(2) J. Camarate França e O. da Veiga Ferreira, «Algumas considerações...», *op. cit.*

(3) A. Viana, G. Zbyszewski, R. Freire de Andrade, A. Serra-lheiro e O. da Veiga Ferreira, «Contribuição para o conhecimento da arqueologia megalítica do Baixo Alentejo», *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, Lisboa, 1959.

A. Viana, O. da Veiga Ferreira e R. Freire de Andrade, «Um túmulo de «tipo alcalareense» nos arredores de Aljustrel», *Revista de Guimarães*, vol. LXXI, n.º 3-4, Guimarães, 1961.

conceitos de ordem religiosa com essa figurinha antropomórfica representando uma estilização humana.

A descoberta da placa da Lapa do Bugio parece-nos pois de grande importância como contributo para um estudo das relações naquela época, entre as civilizações das penínsulas do Sado e de Lisboa com o Sudeste espanhol, e bem assim com o Mediterrâneo Oriental, com o Norte de África e com o Próximo Oriente.